

## ...DE PASSAREM AVES

**Ida Alves\***

O motivo das aves atravessa a poesia portuguesa desde Sá de Miranda, quando, num soneto lapidar, figurou as estações na natureza e sua constante renovação em contraste doloroso com a finitude humana marcada pela passagem do tempo, “sem cura”, no corpo. As aves, que no soneto quinhentista caem com a “calma”, alçaram voo em muitos poemas portugueses a partir daí. Em meados do século XX, chegam aos poemas senianos “...de passarem aves I (*Pedra Filosofal*, 1950) e II (*Fidelidade*, 1958)”, unindo finalmente a reflexão sobre a fugacidade à consciência crítica sobre tradição literária a possibilitar o eco de vozes no fio do tempo, criando laços humanos resistentes e intemporais. Falamos especialmente do primeiro poema “...de passarem aves”, pois não só se evidencia aí a intertextualidade assumida na dedicatória a Sá de Miranda, como sobretudo há a retomada de imagens mirandinas para invocar gestos de escrita como sombras fugazes de experiências e vivências líricas.

De início, o olhar do sujeito acompanha, no chão, as sombras das aves que atravessam, tão perto do poeta, o céu do “tardo verão” para poisarem sobre as construções humanas que lhes servem de breve abrigo. Seus chilreios enchem os ares e as aves constituem à percepção do sujeito que as contempla uma paisagem ao mesmo tempo de alegre presença de vida e de inquieta sensação de perda. “Um momento só. Rápidas voam!”. Desse olhar sobre a cena da natureza chega-se à meditação interior sob a fugacidade da vida e à memória do tempo humano escrito e inscrito em tessituras de palavras: “[...] fiquei olhando / as sombras não, mas a memória delas, / das sombras não, mas de passarem aves.” Não à toa o poema é dedicado, como já referimos, “À memória de Sá de Miranda”, não ao homem que outrora existiu e acabou sobre a face da terra, mas à sua permanência como NOME e IMAGEM

no imaginário lírico de língua portuguesa. Assim, não só as aves e seus sentidos chegaram ao poema de Jorge de Sena, como também daí partiram para pousar em outros poemas contemporâneos como os de Carlos de Oliveira, Gastão Cruz, Ruy Belo, Luiza Neto Jorge, Fiana Hasse Paes Brandão ou Vasco Graça Moura, e de mais poetas adiante.

Antes de Jorge de Sena, também Manuel Bandeira dialogara com as aves de Sá de Miranda, numa “Elegia de Verão” (in *Opus 10*, 1952). “O sol é grande. Ó coisas / todas vãs, todas mudaves! / (Como esse ‘mudaves’, / que hoje é ‘mudáveis’ / E já não rimam com ‘aves’.)” As sombras das aves estão sobre todos esses poemas como memória literária que, embora ciente de sua fragilidade, narra o tempo e o reconfigura em releituras e versões de tom elegíaco, cantando a perda, o fugaz, as sombras que constituem afinal o fundo da existência.

Jorge de Sena que, em sua poesia, meditou de variadas formas sobre a condição humana, evidenciando sua historicidade, expõe nesse poema uma cena de leitura em que vozes e espaços de todos os tempos se cruzam. Como poeta crítico que sempre foi, um estudioso rigoroso e apaixonado do lirismo quinhentista, Sena convoca a sua tradição e dá o mote para poetas posteriores seguirem as aves que passam, não elas, mas as sombras de mãos que, humanamente, inscrevem sua fragilidade e sua finitude. Também mais tarde, Gastão Cruz intitulará um livro seu de “Aves” (1969), com poemas cujos versos se desenvolvem em torno de imagens mirandinas, num tempo de dor, de silêncio e de guerra, que é o seu. Ou, mais adiante, escreverá: “As aves de que sou contemporâneo / as árvores, os barcos que na ria / se movem ou se fixam sendo imagens / que simultaneamente brilham / em todos os momentos em que as vimos” (in *A Moeda do Tempo*, 2006).

Aves e sombras estão no poema seniano lembrando ainda Camilo Pessanha, que escreveu em outro soneto lapidar um verso chave da modernidade em português: “imagens que passais pelas retinas / dos meus olhos, porque não vos fixais?”, para concluir ao final desse soneto que “Fica

sequer, sombra das minhas mãos, / Flexão casual de meus dedos incertos, / Estranha sombra em movimentos vãos.” Jorge de Sena, leitor desmedido da poesia de língua portuguesa e não só, tem consciência aguda da passagem do tempo e da resistência humana ao se inscrever na história por meio da criação de obras. Em seus versos, passar e passagem são palavras recorrentes, o que nos faz compreender a poesia como transporte no tempo, palavras em trânsito, leituras em movimento, sempre palavra-ave, nome e imagem, ausência e memória.

---

\* Professora titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da UFF-Universidade Federal Fluminense, Niterói. É Vice-Coordenadora do PPLB-Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, sediado no *Real Gabinete Português de Leitura*. Co-lidera grupos de pesquisa sobre estudos de paisagem e estudos de poesia contemporânea. Pesquisadora-bolsista do CNPq e Cientista do Nosso Estado / FAPERJ.